

Espaços periféricos ou rurais que possuem instâncias efêmeras, móveis, projetadas sobre a terra

Cinthia Mendonça

Dada a ocorrência de espaços rurais que, na atualidade, trazem propostas pertinentes à reocupação do campo e saídas possíveis em relação ao esgotamento geral das cidades, no decorrer deste texto apresento alguns exemplos destas novas zonas rurais em aproximação com a ideia de zonas autônomas temporárias, sugerindo uma possível produção de processos descolonizadores. Este artigo reflete parte da experiência que vivenciei nos últimos sete anos habitando, trabalhando e conhecendo espaços rurais que se constituem desde uma demanda atual de sobrevivência fora dos grandes centros urbanos e que propõem, de alguma maneira, modos de subsistir que operam desde uma sofisticada dinâmica de involução, seja ela cultural ou econômica, podendo criar, assim, pequenas e insistentes fissuras nos valores da sociedade atual.

Observo as nuvens no céu. Sabemos, são passageiras, lugar de trânsito entre um estado e outro das substâncias, entre a condensação e a precipitação, entre o céu e a terra. Mas um detalhe que ocasionalmente nos escapa é que as nuvens estão sempre projetadas na terra, às vezes em forma de água ou vapor, outras, em forma de sombra. Em forma de sombra, a nuvem, como uma mancha de contornos móveis, desloca-se enquanto faz e desfaz formas, comportando-se como território móvel. Impermanente, a sombra que a nuvem faz no chão, marca e desmarca territórios. Arrisco dizer que as zonas autônomas temporárias, no campo, funcionam como as sombras que as nuvens fazem no chão, escaneando as estâncias permanentes e dando a elas o frescor da efemeridade em forma de um nomadismo de ações e ideias.

Sobre permanência e pertencimento

Como é possível que espaços rurais possam possuir zonas autônomas temporárias? No segundo capítulo de seu livro, *TAZ - Zonas Autônomas Temporárias* (do inglês *Temporary Autonomous Zone*), Hackim Bey (pseudônimo de Peter Lamborn Wilson) menciona que “Talvez algumas pequenas TAZs tenham durado por gerações - como alguns enclaves rurais - porque passaram despercebidas, porque nunca se relacionaram com o Espetáculo, porque nunca emergiram para fora daquela vida real que é invisível para os agentes da Simulação”¹. A vida real que não se relaciona com o espetáculo, como menciona Bey, neste caso específico dos enclaves rurais, diz respeito às zonas de não controle, dado o esquecimento ou abandono, ambos justificados pela localização geográfica periférica. A invisibilidade e a efemeridade vêm a ser, então, características fundamentais da ocorrência das TAZs. No entanto, como podemos ver no exemplo de Bey, há casos em que a permanência e a resiliência se fazem necessárias, e é às dinâmicas desses casos tão específicos que nos remetemos.

Certamente as zonas rurais se fazem valer por uma espécie de permanência integrada, onde, para quem permanece, chão e céu são uma espécie de reflexo um do outro. Sabemos, a estância pode ocorrer pela ideia de propriedade, posse ou ocupação territorial, mas também pelo vínculo dentro da dinâmica dos afetos: a afecção que acontece na lida com a terra e que resulta na ideia de pertencimento a um lugar, por exemplo. Os casos que veremos adiante contrariam o pragmatismo e nos mostram que a propriedade não garante, por fim, a ideia de permanência; neles, o que define e garante os contornos do território é a ideia de pertencimento. Menciono a propriedade porque a ideia de território (terreno, casa, espaço) tangencia os limites e fronteiras dela. Pergunto-me: o que vem a ser este enunciado, hoje, dentro dessas novas organizações rurais? A propriedade enuncia condições de existência/inexistência ou ainda de resistência/desistência. A elaboração da gestão dos espaços rurais, que veremos a seguir, pode colaborar para uma discussão mais avançada sobre a propriedade privada no país de empreiteiras, especulação imobiliária e latifúndios? Consideramos que esses espaços se destinam a produzir dentro de um conceito amplo (ou seria integral?) de subsistência

¹ Bey, H. *TAZ - Zonas Autônomas Temporárias*. Tr. br. Patricia Decia e Renato Resende. Digitalização: Coletivo Sabotagem: Contra-Cultura (www.sabotagem.cjb.net), p. 16.

que atende inclusive a ideia de lucro, porém, este não se resume apenas à mais valia sobre o produto e muito menos ao acúmulo de bens, posto que se estende a valores imensuráveis como a aprendizagem, a criação artística e, ainda, o acesso às diversas tecnologias. É pertinente pensarmos o que é subsistência na atualidade.

A tensão existente nos debates em torno do que venha a ser a propriedade territorial, ainda hoje, torna necessário o entendimento sobre que tipo de solo nos sustenta. Sabemos que vivemos em terreno colonizado; uma ideia de território nos foi instaurada desde um violento marco civilizatório, e este terreno se mostra liso e fluido para uns, e áspero, difícil de transitar para outros. Um terreno colonizado produz corpos colonizados², isto é, nas periferias e zona rurais brasileiras, por exemplo, produz a relação de servidão campo-cidade ou periferia-cidade. E, num contexto mais amplo, podemos constatar que o projeto urbano homogêneo, em contraste com os exemplos de espaços que trazemos, colabora para a construção de uma ilusão de solos supostamente lisos e fluidos que demandam sujeitos imersos em uma espécie de compulsão pelo consumo. Contudo, acredito que, quando é estabelecido o tal vínculo afetivo ou a ideia de pertencimento com o conjunto de fenômenos que vem a influenciar a vida no campo (as estações do ano, as qualidades da água e da terra, os ciclos de plantio e cultivo, a vida dos animais, por exemplo), a permanência parece ser, então, de outra ordem de potência. No meio rural, sabemos, estamos sempre submetidos aos eventos naturais que são em si relativos, trazendo-nos tanto fartura quanto escassez, ou seja, é preciso aprender a estar vulnerável, porque sem vulnerabilidade não se planta. A terra pode sofrer grandes impactos quando não consideramos nossa própria vulnerabilidade, nosso próprio impacto. Sendo assim, diferente do terreno plano e liso das cidades, o solo rural é um solo de fissuras, laborioso de transitar, onde as rachaduras da terra se fazem necessárias para acolher as sementes, onde os acidentes geográficos conduzem e agenciam elementos fundamentais como vento e água, onde corpo e terra se impactam. Então, operando desde outra lógica que não a do dominante, que tem a ver com aquela potência de outra ordem, acredito que os espaços rurais mencionados neste artigo se estabelecem justamente contra a lógica de consumo e propriedade convencionais, quando, de alguma maneira, tensionam os

2 Lepecki, A. *Exhausting Dance. Performance and Polity of Movement*. New York and London: Routledge, Taylor and Francis Group, 2006.

limites dos domínios territoriais e exigem, naturalmente, a aproximação com os saberes que foram sendo deixados de lado pela praticidade de uma vida dedicada ao consumo.

Fazer ou comprar

No campo, a praticidade do consumo imediato é relativa, é preciso “saber fazer”, a sabedoria ancestral e a contemporânea se misturam em técnicas e tecnologias de fabricação e cultivo das coisas. Dito isto, é inevitável que uma pessoa desenvolva domínios práticos mínimos para habitar o rural e, então, o consumo passa a não ser fundamental para que se possa acessar o mundo. Muitas vezes, o “fazer” vem substituir o “comprar”. Isto é, em contraste com a ilusão de solo liso feita para categorias específicas de cidadãos normativos, ou melhor, normatizados, veremos a experiência de espaços rurais que operam como uma espécie de contradispositivo³ de poder, na medida em que nos põem diante da valorização dos saberes desde outro ponto de vista, dando ao corpo o lugar de criação. Acredito que a lógica periférica, seja no campo ou na cidade, nos traz percepções sobre os processos de rupturas e desterritorialização necessários para a criação e a manutenção das zonas autônomas, o que nos faz pensar que o meio rural, assim como as periferias, transitam, desde sempre, pelas asperezas do solo e pela autonomia do corpo do “saber fazer”. Essa perspectiva pode nos trazer uma inversão de valor sobre a ideia de precariedade, porém, não nos libera de nossos direitos diante das estruturas políticas e sociais.

No entanto, a tarefa não é fácil, e parece que as zonas rurais que se propõem a escapar aos modelos convencionais de propriedade privada e economia se colocam diante de paradoxos, por conviverem com tensões e contradições na manutenção de suas existências. Consciente da potência irruptiva que os espaços rurais – que se dedicam a agir e a pensar sobre novas maneiras de viver no campo –, penso que dentro deles podem habitar as TAZs, justamente para que funcionem, mesmo diante de possíveis contradições. Mas como ser uma zona autônoma sem ser temporária? Que temporalidades seriam as instauradas nesses espaços permanentes que os possam fazer ser

3 Alvim, D. M. O que é um contradispositivo?. *Cadernos de Subjetividade*, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, São Paulo, p. 78-85, 2012, p. 78.

autônomos, de fato, não centralizados, governados ou sob o controle de um proprietário? Como disse anteriormente, neste caso, acredito que a efemeridade das zonas autônomas estariam conectadas com a permanência da terra por meio da produção de projeções móveis, tal como as sombras que as nuvens fazem no chão. Da mesma maneira se manifestam as TAZs nos espaços rurais: nômades, aparecem em forma de projetos de efêmera duração, construindo espaços reflexivos e críticos, projetando novas possibilidades, irrompendo com a normatividade do cultivo e da cultura, fazendo com que os territórios de permanência estejam sempre abertos às propostas que chegam por meio deste trânsito de pessoas e ideias, atravessando territorialidades e desfazendo os contornos fixados de poder.

A imanência das sombras das nuvens sobre o chão

Assim como a efemeridade ou a invisibilidade, a imanência talvez seja uma característica fundamental para garantir a autonomia destas zonas. Encontramos na imanência a criação articulada com o desejo⁴ que surge das zonas efêmeras e quase invisíveis de não controle e de liberdade. Mas acredito que, no campo, as TAZs estariam sobretudo afinadas com a vulnerabilidade da Terra, dos seus ciclos naturais, abrindo-nos brechas onde antes não havia: é preciso estar atento e aproveitar esses momentos oportunos para que elas possam se manifestar. Dentro deste contexto, por levarem aos territórios rurais as inovações que trazem a efemeridade e por potencializar, ao invés de atenuar, o efeito da invisibilidade desses espaços, as TAZs são frutas doces da involução urbana do presente. Assim, veremos alguns exemplos que considero espaços que possuem zonas autônomas temporárias em sua constituição, propondo sofisticadas involuções. Eles, apesar de permanentes, apresentam suspensões que tensionam sua própria territorialidade, trazendo para dentro de si zonas móveis em forma de práticas que se materializam em atividades, economias, trânsito de pessoas, maneiras de cultivar e se relacionar com o entorno, entre outras coisas. Esses espaços proliferam pelo mundo pontuando, nas zonas rurais desse planeta, uma referência onde se possa estender uma linha para, ponto a ponto, conectar o que se considera

4 Se “o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena” (Deleuze, G. e Parnet, C.. *Diálogos*. Tr. br. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 16), os desejos irrúptivos tensionam os poderes que podem se estabelecer desde a territorialidade do campo.

periferia. São constituídos de pessoas que estão voltando para o campo ou retirando-se da cidade. Considero-os, então, locais que promovem, cada qual a sua maneira, convergências produtivas, artísticas e tecnológicas na tensão entre campo e cidade. Eles funcionam como um nó de um rizoma, pontuando, convergindo e tensionando a existência de uma rede. São, de fato, uma proposição; são aglomerados compostos por uma multiplicidade de indivíduos que, como uma potência coletiva, se completam desde suas distintas partes. Muitas partes articuladas para manter não a ideia de um todo, mas a ideia da parte pelo todo.

Nosso chão repleto de sombra de nuvens

Tive o prazer de conhecer, recentemente, dois dos membros da cooperativa La Noguera Medicinale⁵, localizada em Medinaceli, uma antiga cidade espanhola que, no passado, foi ponto de encontro para romanos e celtiberos, árabes e cristãos. Nesta encruzilhada convergem os caminhos de Castilha, País Basco e Catalunha. Essa região faz parte dos atuais povoados fantasmas da Espanha, isto é, está em processo de despovoamento. Situado ali, além dos projetos relativos ao cultivo agroecológico e sustentável, La Noguera Medicinale recém-começa a aventurar-se no trabalho com residências criativas de arte e sustentabilidade. O espaço nasce do encontro de uma jovem moradora do local que decide voltar a viver ali com pessoas de diferentes áreas de interesse que cultivam a mesma visão ecológica e que resolvem pôr em marcha um projeto de desenvolvimento rural integral na região onde atualmente vivem e trabalham. La Noguera quer “gerar uma alternativa sustentável de desenvolvimento, onde a economia se encontre ao serviço das pessoas e não ao contrário”⁶. Este projeto pode alavancar, no futuro, a criação de infraestruturas de acolhimento para a redistribuição populacional centralizada nos grandes centros urbanos. É um respiro em meio à crise social e política da região, uma janela que se abre para um horizonte vasto de terra e nuvens.

Também na Espanha, porém mais ao leste, Calafou⁷ - Colônia ecoindustrial postcapitalista, faz parte da Cooperativa Integral Catalã⁸.

5 Disponível em: <<http://www.lanogueramedinaceli.es/>>.

6 Disponível em: <<http://www.lanogueramedinaceli.es/about-us/our-team/>>.

7 Disponível em: <<https://calafou.org/>>.

8 Disponível em: <<http://cooperativa.cat/>>.

Ocupando uma antiga colônia têxtil situada na região de L'Anoia, conta com cerca 28.000m² de espaço produtivo e 27 moradias que se materializam em gigantescos galpões ocupados com os espaços coletivos e apartamentos reformados. O acesso às moradias se dá pela compra da sessão de direito de uso por parte da cooperativa e para os espaços produtivos, o aluguel é a preços sociais com serviços e recursos compartilhados entre todas as pessoas implicadas no projeto. Em Calafou coexistem projetos coletivos (aqueles que seus benefícios e recursos produzidos se destinam à colônia), projetos autônomos (iniciativas de uma pessoa ou coletivo específico) e espaços coletivos (que possibilitam o desenvolvimento de um projeto ou são parte da infraestrutura da comunidade). É característica da colônia a constante dinâmica de autogestão, o assembleiarismo (tomada de decisões por consenso) e uma vivência ecológica e sustentável. Habitam o local artistas, engenheiros, *hackers*, artesãos, entre outros, de diferentes idades, criando, assim, um ambiente heterogêneo em relação a interesses, projeções e perspectivas. Eles próprios se definem como

[...] um artefato portador de futuro. Uma máquina geradora de caminhos e identidades coletivas. Um organismo complexo e híbrido composto por múltiplas subjetividades que cooperam para *reconstruir* uma realidade de vida segundo os códigos que escolhemos, que nos pertencem e que compartilhamos. Em última instância um conjunto de infraestruturas que pretende suprir a falta de soberania tecnológica que padecemos e que nos faz dependentes de um império cognitivo-industrial-financeiro.⁹

Por habitarem um local que desenvolveu, no passado, intensa atividade industrial, aqueles que estão na colônia enfrentam cotidianamente o desafio de conviver com a poluição e contaminação da água e do solo, um grande desafio para o cultivo de alimentos. Poderia dizer que, qualquer investimento que Calafou possa fazer a longo prazo para o desenvolvimento de tecnologias de cultivo em zonas rurais contaminadas, seria de grande serventia para todos.

Já no Brasil, o projeto Veracidade¹⁰, em São Carlos, interior de São Paulo, mesmo localizado num bairro central, é considerado por seus integrantes como periférico. A Veracidade é uma brecha, funciona como uma

⁹ Texto retirado de <<https://calafou.org/>> e traduzido livremente.

¹⁰ Disponível em: <<http://veracidade.eco.br/>>.

espécie de periferia dentro do centro. Além de funcionar como espaço de moradia, a Veracidade é, também, local de desenvolvimento de projetos e propostas sustentáveis – onde se podem encontrar hortas permaculturais, composteiras e pequenas plantações. Seus habitantes querem “aprender a fazer as coisas” – o território de ocupação da Veracidade se coloca em oposição ao barulho e à poluição da cidade, funcionando como uma micro instância rural dentro da área urbana para repensar a cidade como uma ambiente mais sustentável, menos consumista e estéril, abrindo uma fissura no solo urbano e promovendo uma espécie de involução no que diz respeito às práticas de consumo e tratamento de resíduos. Na Veracidade, um dos projetos que me chama atenção é o Curso Popular de Permacultura, que, à custo reduzido e com bolsas integrais, quer popularizar esta importante ferramenta de organização e transformação. O principal objetivo do PDC popular é tornar acessível as técnicas permaculturais para as diferentes camadas sociais, já que os altos custos do PDC (Permaculture Design Certificate Course) tornaram a permacultura uma prática elitista. Numa conversa sobre o espaço, Djalma Nery, um dos integrantes, me diz:

Tenho pensando muito sobre a caracterização que o senso comum nos impõe: a caricata 'Sociedade Alternativa'; os 'hippies'; idealistas sem concretude; eternos sonhadores. E me parece que isso é de um equívoco tremendo e, muitas vezes, proposital. Não queremos construir nada a parte, nenhum gueto. Não queremos nos contentar com nenhuma condição periférica que ajude a manter a existência do centro. Precisamos inverter os termos dessa equação, deixando der ser uma 'sociedade alternativa' e nos tornando uma 'alternativa para a sociedade', para ESSA sociedade, aqui e agora. É preciso substantivar a alternativa, e não apenas tratá-la como um adjetivo complementar; uma possibilidade entre tantas que não altere a ordem vigente. Não somos escapistas; nosso projeto periférico quer desfazer o centro, e, para isso, deve promover lutas de contra-hegemonia, disputas de consciências e uma série de táticas e políticas conscientes.¹¹

O quarto exemplo é a Nuvem – estação rural de arte e tecnologia¹², projeto do qual faço parte. Em 2011, alugamos uma chácara na Serra da Mantiqueira e abrimos um espaço de encontros e experimentações artísticas e tecnológicas, carinhosamente chamada por nós de hackroça. Acredito que a

¹¹ Entrevista sobre a Veracidade concedida em 2015.

¹² Disponível em: <<http://nuvem.tk/>>.

vida na cidade não nos deixa controlar o tempo, que é nossa ferramenta principal. Falo sobre o tempo da instrução, o nosso tempo, aquele dedicado ao desejo – não porque diz respeito ao indivíduo, mas porque concerne também ao coletivo e a uma coletividade. O espaço, então, nasce oferecendo tempo, enquanto promove o encontro entre artistas e não artistas e também expande o pensamento sobre as ciências da roça. A infraestrutura de *hacklab* rural, imerso em natureza exuberante, é nosso atrativo. A casa está localizada em uma interessante situação de enclave (a Nuvem está entre as fronteiras de três municípios e dois estados), ao mesmo tempo em que se encontra entre Rio de Janeiro e São Paulo, oferecendo-nos um trânsito relativamente fácil entre as capitais e a sede do projeto. Foi com o foco no processo de criação por meio das residências artísticas, das metodologias laboratoriais criativas e dos encontros ativistas, que o projeto alcançou uma interessante condição transdisciplinar. Interessa-nos sobretudo o processo, mais que o produto, e, para promover o acesso aos diversos projetos que abrigamos, contamos com uma plataforma wiki onde são relatadas as memórias em forma de diários, tutoriais, textos, esquemas etc. Na nuvem, chama atenção o dissenso causado por diversos universos que atravessam as atividades de criação que se dão naquele lugar, dada a multiplicidade de pontos de vista e o nomadismo de ideias. Ali é o lugar onde cozinham e jantam juntos artistas de diferentes áreas, artesãos, engenheiros, arquitetos, agricultores, ambientalistas, físicos, produtores, escritores, professores, antropólogos, filósofos e pesquisadores de distintos interesses. Nesse contexto heterogêneo, onde se dá o debate e a criação, o que é dissidente, o que é diferente? O comum, neste espaço, é a vivência desde o ato criativo, isto é, desde o nascimento e o desenvolvimento das ideias, desde o “saber, saber fazer”. A necessidade de criar algo é o que move os presentes a compartilhar um mesmo espaço, e são as atividades cotidianas, como cozinhar, limpar, organizar, plantar, cuidar, que promovem o convívio e a troca. Às vezes focados em um mesmo projeto, trabalhando em colaboração, outras vezes desenvolvendo distintos projetos que inevitavelmente sofrerão atravessamentos de outras visões de mundo, o contraste entre realidades e subjetividades são constantes nas instâncias da Nuvem. A nossa Nuvem - estação rural de arte e tecnologia – é um espaço que abarca o trabalho não especificamente desde o uso de ferramentas da tecnologia em si, mas sim desde a ação e a técnica. Ação e técnica se codeterminam, andam juntas: fazer e saber fazer / agir e saber agir (*technê*). Com isso, é também espaço de ativismo (promovendo encontros feministas e laboratórios como o contralab – lab contra repressão); espaço de arte (principalmente

de arte contemporânea), propondo diferentes programas de residências artísticas (Residência de Verão, de Inverno e Autorresidências); espaço de laboratórios colaborativos, onde se dá o desenvolvimento de propostas a partir de trabalho colaborativo e transdisciplinar, na interseção entre artes, engenharias, tecnologias das mais variadas, além de saberes comunitários (Interactivos), e também espaço para fazer e pensar tecnologias de mínimo impacto ambiental, que são os Mutirões de trabalho no campo. Essas atividades são atravessadas por demonstrações, oficinas, apresentações, falas e cuidados. Acredito que hoje, dentre as atividades que realizamos, os Mutirões de Mínimo Impacto Ambiental são das mais fundamentais iniciativas, justamente por operarem na reconexão dos saberes de uma geração de agricultores que não puderam passar adiante seus conhecimentos, por conta do êxodo dos jovens do campo, a um público que tem vontade de aprender como se faz. O objetivo dos mutirões é estacionar em outros espaços rurais promovendo um nomadismo de ideias e práticas que, por serem móveis e efêmeras, vão polinizando saberes em troca da escassa mão de obra do campo. Nos mutirões, trabalhamos desde as necessidades reais do espaço que os recebe: recuperamos nascentes de água, trabalhamos na restauração de micro hidro-elétricas que tem capacidade de gerar energia para o consumo de pequena áreas rurais, plantamos em SAFs (sistema agroflorestal), onde fazemos o consórcio de árvores e plantas como mandioca, abóbora e feijão, criamos hortas, banheiros secos, composteiras, realizamos construções com bambu etc. Usamos a expressão mínimo impacto ambiental para deixar claro que se relacionar com o solo é criar impacto. Relacionar-se sem impacto é não afetar-se, e nós nos afetamos. Nos mutirões conseguimos provar uma economia interessante e equilibrada de troca de saberes, mão de obra, tecnologias, organização do trabalho e cuidados que fogem da dinâmica das fábricas. Para além de propor um espaço de convergência entre artistas e pesquisadores, a Nuvem nos propõe novas maneiras de nos relacionarmos com o nosso fundamento, nosso chão. Por fim, para mim, estar em um espaço rural com essas características é sobretudo desapropriar territórios, técnicas, ações, corpos, pensamentos e também tecnologias. A dinâmica da desapropriação tensiona tanto o território quanto a técnica, pois ambos, um após o outro, fundam modos de existir no mundo. Estar em um espaço rural que pensa e cria alta e baixa tecnologia, assim como pensa e cria arte é buscar uma nova relação com o chão, é repensar nosso fundamento, isto é, aquilo que nos é fundamental.

Os exemplos apresentados vêm caracterizar espaços periféricos ou rurais de permanência que possuem instâncias efêmeras, móveis, projetadas

sobre seus territórios. Estas seriam as zonas autônomas temporárias que, como as sombras das nuvens, ganham a forma de atividades, ideias, gestão, economias. Apesar da permanência que os singulariza, estes espaços rurais possuem dinâmicas nômades que lhes dão condições de romper com a norma trazida pela estruturação do campo na contemporaneidade, colocando-se criticamente e propositivamente em relação aos ditames do agronegócio, à ideia de propriedade privada destinada rigorosamente ao lucro ou ao lazer e ao latifúndio, por exemplo. Vejamos, então, algumas características destes espaços. A *consciência de uma existência em rede*, onde há conexão com as demais áreas rurais ou periféricas de mesmo interesse. Essa conexão se dá tanto em relação à troca de práticas e ideias quanto à de mercadorias e tecnologias. O “*saber fazer*”, onde se pode aprender como funcionam as coisas, como podemos produzi-las ou construí-las e agenciá-las. Essa medida, de certa maneira, faz desses espaços contradispositivos, justamente porque promove a aproximação entre pessoa (ser) e mundo sem que haja necessariamente a mediação de dispositivos programados de consumo e, conseqüentemente, de dispositivos de poder. Isto é, aproximarmo-nos do mundo sem adentrar, inevitavelmente, nas cadeias de mediações de acesso a nossas necessidades e aos nossos desejos. Das coisas que precisamos ou desejamos, o que construímos de fato? Mudar esse hábito parece ser uma proposição complexa, por vezes, utópica. Porém, a vida no campo nos ensina que pode ser mais fácil e menos sacrificante do que se imagina. Não quero dizer que uma pessoa necessita saber fabricar tudo que deseja ou necessita, nem prezo pela especialização, veja bem, falo de uma micropolítica disruptiva, que vive nas sutilezas do saber fazer, da *techné*. Essa proposta traz sobretudo o saber do corpo, e por isso seu processo de liberação no que se refere aos estados de servidão. Porque acredito que é necessária uma transformação não só subjetiva e material, mas também corporal. O saber fazer, somado ao tempo dedicado à instrução de si e de um coletivo, contamina e produz transformações profundas. Mais uma característica fundamental deste tipo de espaço é a *coagulação voluntária*, ou a aglutinação de pessoas movidas por um desejo comum. Por fim, uma última característica seria a *tensão constante com a cidade*. Uma tensão positiva que vem substituir a relação servil entre elas. Porque somente ir para o campo não muda muita coisa. Isolar-se da cidade também não é uma solução; é preciso criar estratégias de contato cidade-campo que fogem dessa dinâmica de consumo, de um lado, e produção, do outro. É preciso não estar sozinho.

Uma consideração que faço é que essas “comunidades” rurais

atuais surgem trazendo vestígios de outras propostas de autonomia do passado e, a exemplo dos erros e acertos cometidos outrora, é pertinente saber quais são os problemas enfrentados por estes espaços e como eles conseguem resolvê-los. Sei, justamente por fazer parte de um deles, que podemos ver conflitos de diferentes origens, e posso citar ao menos três tipos: conflitos relativos à propriedade das terras (o que me faz pensar sobre a propriedade e o pertencimento: será sempre a propriedade que garantirá direitos sobre o espaço ou o trabalho e o pertencimento também se fazem valer?); embates com os poderes estabelecidos internamente e externamente (omissões, silenciamentos, violência psicológica, abuso de poder, machismo, entre outras mazelas); territorialização de espaços e ideias (apropriação indevida de saberes, falta de generosidade, tendência a individualização ou privatização dos espaços em benefício próprio, por exemplo). É saudável que se possa debater sobre as adversidades, justamente para que se possa manter a sanidade e a potência desses espaços. A rede à qual me refiro, neste texto, também é uma rede de troca de experiências e aprendizagem que se dá com erros e acertos, com venturas e desventuras, e que pode se estabelecer sem espetáculos e simulações.

Finalizando, gostaria de fazer do horizonte do pensamento rural uma vista ampla o suficiente para romper com algumas barreiras, dentre elas, a existente entre a corporeidade e a Terra, digo da imanência e da materialidade dessa aproximação que está para além da ideia de poder e território. Por isso trago as nuvens, não como metáforas, mas talvez como parte de um todo, como uma parcialidade da aproximação entre terra, céu e nós, como uma prova desta imanência a que me refiro. Com essa metonímia, vem a proposta de estabelecer um contato sinestésico com o chão. Essa sinestesia tem a ver com o pertencimento, muito mais que com a simples propriedade. Porque me parece que a aparição das nuvens se dá em sua projeção sobre a terra, onde céu e terra tornam-se grandezas integradas, como um organismo nada dicotômico, nada transcendental. Essas projeções da nuvem no chão, como territórios móveis, evidenciam, sobretudo, a imanência da nossa vida na Terra. Poderia dizer, então, que saber ler as nuvens (suas formas, movimento, precipitação, condensação) é manter contato com o chão, assim como lidar com o chão é saber desvendar o movimento das nuvens. Estes são conhecimentos complementares, interdependentes e, poderíamos dizer, retroalimentares. Talvez isso possa nos fazer perceber que, quando as nuvens projetam no solo sua efemeridade, o fazem ser, também, menos permanente enquanto chão que sustenta territorialidades.

Acredito que muitos dos espaços rurais que vemos surgir neste contexto propõem mudanças para que se faça valer uma espécie de aTerramento¹³, uma reconexão corpo-Terra. Isso se dá de muitas maneiras, mas, sobretudo, mudando os hábitos em relação ao consumo e ao “ter tempo para...”. Devolvendo a ação para a escala corporal humana, podemos desalienar e descolonizar as subjetividades. Esse processo não exclui as ações em macro escala, mas também não aliena as microações. Problematicando a produção fora da macro escala e o que produzem esses espaços rurais ou periféricos para si e para a comunidade na qual estão inseridos, resta-nos saber até que ponto estes teriam potencial para intervir na escala massiva de produção das fábricas e indústrias. É possível multiplicar em rede a potência de produção rural ou periférica ao ponto de ela se tornar, de fato, uma intervenção na escala industrial? Uma resposta positiva nos daria um horizonte realmente subsistente e autônomo¹⁴.

Concluindo, substituir o consumo excessivo e obsessivo pelo ato de criação, e, em consequência, pelo hábito do “saber fazer”, é uma proposta complexa e um tanto inquietante. Porque parece sugerir que o mundo se transforme em instâncias mais rurais que urbanas, mais periféricas que centrais. Eu afirmaria, sem medo, que uma involução é necessária. Involuir o progresso tecnológico e civilizatório para que possamos avançar, nós pessoas, em nosso contato com o mundo.

* Chintia Mendonça é artista da performance e pesquisadora, doutoranda em Artes e Cultura na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Cocriadora da Nuvem - estação rural de arte e tecnologia. Nasceu no campo e viveu intensamente os intemperismos do êxodo rural dos anos de 1980 e 1990, fato comum às comunidades rurais brasileiras.

13 Danowski, D. e Viveiros de Castro, E. *Há Mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2014, p. 23.

14 Porém, é necessário ainda considerar o uso da matéria prima e a reutilização dos produtos, pois, sem isso, não há como “revolucionar” a produção e o consumo. É também preciso dar conta do horizonte material atual: o excesso de objetos, o contingente de lixo, as várias tecnologias (ancestralidade, ciência etc.). Como afirma o pesquisador Felipe Fonseca, “Mais do que replicar em escala local os processos industriais, as tecnologias de fabricação (*em pequena e média escala*) poderiam assim indicar outras formas de articulação entre criatividade e objetos materiais, carregadas de significado e relevância.” (Fonseca, F., 2014 disponível em: <efeeefe.no-ip.org/livro/repair-culture/> e em <www.makery.info/2015/03/31/gambiarra-la-culture-de-la-reparation/?lang=en>).

